

DIALÉTICA E SARTRE: UMA POSSIBILIDADE DE SE PENSAR A REALIDADE

Ac. Rogério Bettoni (COFIL-FUNREI)

Orientadora: Maria José Netto Andrade (DFIME-FUNREI)

Resumo: Jean-Paul Sartre, ao expor sua ontologia fenomenológica na obra *O Ser e o Nada*, divide a realidade em dois pólos: o Para-si (consciência) e o Em-si (materialidade). Esta divisão ontológica mostra o início de uma filosofia dialética, que atinge seu ponto máximo na obra *Crítica da Razão Dialética*. Nesta, o autor busca fazer uma referência à tradição do pensamento dialético, desde Hegel até Marx e Engels, com o intuito de criticá-la e assim formular a sua própria filosofia acerca desta questão. O presente artigo busca refazer esta discussão e, a partir da obra *Crítica da Razão Dialética*, explicitar os fundamentos da dialética no pensamento de Sartre.

Palavras-chave: Razão Dialética. Sociabilidade. Existencialismo.



Abstract: While exposing his phenomenological ontology in the work *Being and Nothingness*, Jean-Paul Sartre divides the reality in two parts: *Being for self* (consciousness) and *In itself* (materiality). This ontological discussion shows the beginning of a dialectical philosophy that reaches its top in the work *Critique of Dialectical Reason*. In the latter, the author tries to make a reference to the tradition of dialectical thought, since Hegel until Marx and Engels, by the means of criticizing it and then formulate his own dialectical philosophy. The current article tries to redo this discussion and, by the work *Critique of dialectical reason*, stress the basis of the dialectic in Sartre's thought.

Key words: 1. Dialectical Reason. 2. Sociability. 3. Existencialism.

Introdução



Alguns anos após publicar *O Ser e o Nada* (1943), obra de caráter existencial e ontológico, que define o homem como subjetividade absoluta, injustificado no mundo, e que projeta-se no futuro sempre como liberdade em situação, o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) dedicou-se ao estudo do indivíduo como um ser inserido na sociedade e imerso na práxis, onde sua liberdade é marcada pela neces-

sidade de que se desenvolve historicamente.

Tais estudos geraram a obra *Crítica da Razão Dialética* (1960) que, nesses estudos, representa uma ruptura com sua linha de pensamento existencial, concretiza agora elucidações e análises preocupadas com o desenvolvimento social da humanidade enquanto práxis, dialética e coletividade. Não caberá aqui um estudo detalhado dos fundamentos da sociabi-

lidade e dos grupos sociais em Sartre, porém perguntamos nesta ocupação pelo âmbito da dialética sartreana, pelos fundamentos

desta, e pela possibilidade de um desdobramento dialético da realidade. Toma-se então como referência, para o determinado trabalho, a Introdução da *Critique of dialectical reason*, v.1: *theory of practical ensembles*.

1. O método dialético e suas implicações na filosofia

O pensamento dialético de Sartre, antes de ser estruturado, perpassa toda a tradição dialética numa discussão de Hegel à Marx. Como o próprio termo “dialética” designa uma disputa, um debate, característica esta que transcorre e dá fundamento à obra de Sartre em questão, torna-se necessário e importante uma recuperação do sentido da dialética tradicional na filosofia, antes de tratarmos propriamente da dialética sartreana.

1.1 O sentido grego de dialética

O termo dialética, do grego *διαλεκτική* (*dialektiké*), era utilizado em seus primórdios para designar a arte de discutir, do diálogo, e seu adjetivo *διαλεκτικός* (*dialektikós*) designava tudo o que se refere à discussão. Aos poucos, a dialética passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir os conceitos envolvidos na discussão. Alguns filósofos consideram Zenão o fundador da dialética. Outros consideram Sócrates. Porém,

se nesta ocupação admite-se como instrumento de abordagem o conceito moderno de dialética, ou seja, *síntese de opostos*, deve-se buscar sua origem em Heráclito, embora com algumas restrições.

Nos fragmentos deixados por ele, pode-se perceber que o fundamento de sua filosofia encontra-se no princípio de contradição e mudança. Ao negar a existência de qualquer estabilidade no ser, lemos em seus fragmentos (principalmente nos de n^{os} 67 e 88) que morte e vida, sono e vigília, dia e noite, guerra e paz, são realidades que se interpenetram e se transformam umas nas outras. Assim como o rio¹, o mundo flui e muda constantemente, num contínuo processo de transformação. Porém, se na realidade nada permanece fixo e em repouso, há que se ter uma unidade nesta mudança, algo que permaneça e que dê sentido à própria compreensão do que está em conflito e movimento.

Encontra-se, assim, no pensamento de Heráclito, o sentido mesmo da dialética, uma luta de forças contrárias que se confrontam e resultam num terceiro estágio que supera os iniciais. “O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários, a mais bela harmonia”². Tal harmonia seria o fundamento da progressão dialética, a síntese dos opostos, que seguiria assim um processo ascendente do simples ao complexo, formando um ciclo de no-

¹ Fragmentos 49a e 91: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Nele, “(...) entramos e não entramos, somos e não somos”.

² Fragmento 8.

vas contradições e sínteses. Tomando como exemplo o rio de Heráclito, a água e o vale seriam a própria contradição do método dialético, e o desenho da margem a síntese provocada por este embate de forças. Como será visto a seguir, o pensamento de Heráclito irá influenciar diretamente a dialética na modernidade.

1.2 A dialética em Hegel

Segundo Paulo Perdigão³, Hegel foi o primeiro a sistematizar de forma clara o processo dialético. Hegel tenta explicar o mundo partindo da *Idéia*, que desenvolve-se em *matéria* e retorna a si mesma em *espírito*. Para ele, a idéia engendra a vida social e a própria natureza, e preexiste ao aparecimento da natureza e do homem⁴. Sob influência de Heráclito, Hegel afirma que as coisas apresentam em sua unidade aspectos contraditórios, que se manifestam evidentes em todas as coisas. Qual é, então, o fundamento dialético de Hegel, aparentemente contraditório em suas próprias idéias?

A dialética de Hegel consiste necessariamente no fato de que a via para se atingir o conhecimento da verdade está na apreensão do exato caráter das contradições, que é a sua unidade. Se coisas opostas lutam entre si, a “luta” é a expressão do movimento das coisas. Tudo, assim, é passível de controvérsia, e tudo

passa a ser negado.

Eduardo S. Filho afirma que “a dialética punha, de começo, em dúvida, a validade de tudo que existe como acabado”⁵, pois tudo caminha para seu fim através do choque de contradições que culminam em violenta crise e rompem o equilíbrio interno, que se restabelece sob uma forma qualitativamente diferente. A solução final da dialética hegeliana é, então, o esquema triádico da realidade: uma *tese* inicial gera sua negação por suas próprias contradições (*antítese*), e resume um estado inteiramente novo, a *síntese*, que conserva elementos dos outros estágios anteriores, porém de forma superada.

Hegel ainda afirma que o processo dialético é também ontológico, “e não concerne apenas ao espírito subjetivo (alma, consciência do sujeito individual)”, mas também “rege os movimentos da matéria, as formações orgânicas e as criações espirituais”⁶. Percebe assim que o homem é também produto da história, criado no processo da vida social, e que a própria história não é apenas um mero aglomerado de fatos isolados ao acaso, mas presidida por leis necessárias. Porém, ao contrário do que pode parecer, Hegel não aplica a dialética em toda a realidade; para ele, a dialética e a existência atuante dos contrários só existem no plano único da *Idéia*, que para ele não é o reflexo da realidade material na consciência. A idéia é anterior ao homem e dele separada: ela cria a natureza e se desenvolve desde a eternidade se-

³ Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 159.

⁴ Cf. FILHO, Eduardo S. *Introdução ao pensamento dialético*. São Paulo: Alfa-omega, 1991, p. 67.

⁵ Idem, p. 68.

⁶ Apud. FILHO, Eduardo. Op. Cit. p. 67.

gundo um processo de oposição, contradição e síntese. Neste sentido, o idealismo hegeliano irá receber críticas de seus sucessores, a começar por Marx.

1.3 O Materialismo Histórico de Marx e o Materialismo Dialético de Engels

O material teórico do hegelianismo é aproveitado por Marx: repondo os conceitos hegelianos em sua verdadeira posição, pois dizia que estavam “de cabeça para baixo”⁷, Marx retirou-os de seu invólucro idealista para criar as bases do materialismo. Para Marx, a realidade exterior é concreta e independente, e portanto, é preciso descobrir o processo dialético naquilo que é objetivo e não nas idéias abstratas. A História agora é, em sua concretude, explicada dialeticamente pelas ações dos homens e pelas condições práticas de sua existência que determinam o desenvolvimento histórico dialético. Em Marx, a dialética se desenvolve na história humana, porém em detrimento da história natural, já que, segundo ele, seria inconcebível uma natureza sem o homem, pois é o homem quem a imprime e a transforma de acordo com suas necessidades. A práxis e a consciência estão sempre em conexão contraditória, e se projetam como tais nos interesses opostos e contrapostos de grupos e classes sociais na situação peculiar em que se apresentam. A história da humanidade, desta forma, seria a luta das diversas classes do organismo social em evolução a um

⁷ PERDIGÃO, Paulo. Op. Cit., p. 159. FILHO, Eduardo. Op. Cit., p. 78.

novo estágio:

homens livres e escravos, patrícios e plebeus, nobres e servos, mestres artesãos e oficiais, nua palavra, opressores e oprimidos, em luta constante, mantiveram guerra ininterrupta, já aberta, já dissimulada: uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade, ou pela destruição das duas classes antagônicas.⁸

Pode-se dizer, assim, que a dialética de Marx, retirada do idealismo hegeliano, é aplicada ao mundo real e não ao puro pensamento, mas é restringida à esfera das ações práticas do homem: é a sua existência social, sua práxis, que irá determinar, em todos os níveis, a sua própria consciência. Neste contexto, e em contrapartida à Marx, Engels elabora o Materialismo dialético, um sistema filosófico análogo ao de Hegel e Marx, porém diferente em sua esfera fundamental.

Engels acreditava que a dialética deveria ser aplicada apenas à natureza pura, sem que houvesse neste processo a intervenção ou a presença do homem⁹: a matéria inorgânica, assim, se desenvolveria dialeticamente, e as mudanças provocadas pela contradição estariam latentes na realidade material, produzindo um autônomo e dinâmico movimento dialético - uma realidade velha produziria sua própria destruição causada

⁸ MARX, Karl. *O manifesto do partido comunista*. Apud FILHO, Eduardo. Op. Cit., p. 74.

⁹ Cf. PERDIGÃO, PAULO. Op. Cit., p. 160. O autor ainda se refere ao pensamento de Engels como se tivesse sido influenciado pela teoria da evolução das espécies, elaborada pelo inglês Charles Darwin.

por suas contradições internas, o que daria surgimento a uma nova realidade que se eleva a um grau mais alto, gerando assim uma seqüência de negações progressivas e ascendentes, do inferior ao superior.

Abre-se aqui a um impasse: Hegel concebe a dialética como lei do pensamento, Marx como lei da História, Engels como lei da Natureza. Como veremos a seguir, Sartre inicia sua sistematização do processo dialético dirigindo críticas a seus predecessores. Estaria Sartre apenas rompendo com a tradição ou buscando nela a base para o seu próprio sistema?

2. Críticas de Sartre à tradição dialética e a especificidade de sua teoria

Sartre inicia a *Crítica da Razão Dialética* afirmando que é preciso, antes de compreender os detalhes de um método analítico-sintético e regressivo-progressivo, provar certos princípios dialéticos: no materialismo dialético uma negação de uma negação pode ser uma afirmação, os conflitos individuais ou de grupos são a força que move a História, que por sua vez efetua continuamente totalizações de totalizações. Mas não basta uma escolha incondicional à Razão analítica ou à Razão dialética¹⁰: “we

¹⁰ Segundo Sartre, a razão dialética é o modo de raciocinarmos dialeticamente, e a razão analítica, oposta à dialética, processa os objetos de sua análise como submetidos às leis do determinismo. O marxismo utiliza em seu método a razão analítica para analisar os dados históricos passados, incluindo o indivíduo neste processo. Para Sartre, não basta a razão analítica, pois ela se restringe à esfera

must accept the object as it is and let it develop freely before our eyes, without prejudging what types of rationality we will encounter in our investigations”¹¹.

As análises de Sartre a respeito da dialética se reportam inicialmente à sua dicotomia ontológica exposta em *O Ser e o Nada*, quando divide a realidade em dois pólos, o Para-si (consciência) e o Em-si (materialidade), caracterizados respectivamente como contradição e identidade¹². Se a consciência, ou Para-si, opera por meio de uma constante contradição ou, como prefere Sartre, é uma “totalização-em-curso”, há que se buscar o fundamento e a inteligibilidade da dialética na própria realidade humana concreta. Buscar o sentido da dialética e o objeto de sua aplicação é indagar sobre a própria existência da dialética, já que o conhecimento dela é inseparável do conhecimento dos objetos: a dialética é, ao mesmo tempo, um método de conhecimento e um movimento no objeto conhecido. Neste sentido, a Razão dialética deve ser criticada pelo próprio raciocínio dialético.

Segundo Sartre, a dialética não havia encontrado até então o seu pró-

do material, enquanto a razão dialética se aplica à consciência.

¹¹ SARTRE, Jean-Paul. *Critique of dialectical reason*. New York: Verso, 1991, p. 17. “Devemos aceitar o objeto tal como ele é e deixar que se desenvolva livremente perante nossos olhos, sem prejulgarmos que tipos de racionalidade iremos encontrar em nossas investigações”. (Tradução livre)

¹² BORNHEIN, Gerd A. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1984, p. 235.

prio fundamento, evolução e crítica porque este tipo de crítica ainda não tinha sido libertada de um certo dogmatismo. Tanto Hegel quanto Marx aceitavam certos princípios como verdades, sem ao menos questioná-los ou buscar suas justificativas. Para Sartre, é impossível fazer da dialética um postulado, como fez Hegel, ou uma hipótese de trabalho, como fez Marx; admite então a Razão dialética, ou o nosso próprio raciocínio que se processa dialeticamente, como o único meio de se compreender a realidade humana e única maneira de se fazer inteligível o processo histórico, pois

Dialectical Reason transcends the level of methodology; (...) it defines what the world (human or total) must be like for dialectical knowledge to be possible; it is simultaneously elucidates the movement of the real and that of our thoughts, and it elucidates the one by the other. (...) Dialectical Reason is neither constituent nor constituted reason; it is Reason constituting itself in and through the world, dissolving in itself all constituted Reasons in order to constitute new ones which it transcends and dissolves in turn. It is, therefore, both a type of rationality and the transcendence of all types of rationality¹³.

¹³ SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., págs. 20-21. “A Razão Dialética ultrapassa o nível de metodologia; (...) ela define como o mundo (humano ou total) deve ser para que o conhecimento dialético seja possível; ela elucidava simultaneamente o movimento do real e o movimento de nossos pensamentos, e elucidava um pelo outro. (...) A Razão Dialética não é nem razão constitutiva nem constituída; é a Razão se constituindo no e através do mundo, dissolvendo em si mesma todas as Razões constituídas para constituir outras novas que ela transcende e dissolve alternadamente. Ela é, por isto, tanto um tipo de racionalidade

Hegel havia dito que a dialética não teve necessidade de se provar: por si só, já existia um elo entre o conhecimento e o seu objeto, uma identidade: “consciousness was consciousness of the Other, and the Other was the being-other of the consciousness”¹⁴. Neste sentido, o idealismo hegeliano é superior ao materialismo marxista, mas falha quando admite que o objeto deve ser tomado tal como é dado em seu momento na História do Mundo e do Espírito. Ou seja, o homem é um ser histórico, mas a história é uma totalidade. Na opinião de Sartre, Marx ousou em sua originalidade, pois demonstrou que a História *está em curso*, que o *Ser é irreduzível ao Conhecimento* e preservou o movimento dialético *tanto no Ser quanto no Conhecimento*. Porém, também falhou ao fazer previsões futuras, admitindo que o futuro repete o passado, que uma ordem corrente de sucessão desempenha uma ordem de sucessão anterior: o futuro de um processo social é algo objetivo que, de certo modo, já está contido nos fatos passados¹⁵. Ao colocar Hegel e Marx, lado a lado, Sartre admite que “thought is both Being and knowledge of Being. It is the *praxis* of an individual or a group, in particular conditions, at a definite moment of History”¹⁶. Como tal, o pensamento

quanto a transcendência de todos os tipos de racionalidade”. (Tradução livre).

¹⁴ Idem, p. 22. “A consciência era consciência do Outro, e o Outro era o ser-outro da consciência”. (Tradução livre).

¹⁵ Cf. PERDIGÃO, Paulo. Op. Cit., p. 171.

¹⁶ SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p. 24. “o pensamento é tanto o Ser quanto o conhecimento do Ser. Ele é a práxis de um indivíduo

está sujeito à dialética como sua lei, do mesmo modo que qualquer outro detalhe do processo histórico. Mas, o pensamento como razão é conhecimento da dialética. É conhecimento do ser e ser do conhecimento, ou seja, é simultaneamente constitutivo e constituído.

As críticas de Sartre não param por aí. Como visto anteriormente, o Marxismo recusa uma atividade dialética ao pensamento e a aplica apenas na esfera social da realidade. Ao tentar dissolver o pensamento numa dialética universal, acaba por eliminar o homem e dissolvê-lo dentro do universo. O Ser, agora, apenas evolui de acordo com seus próprios movimentos, sem ter aonde se manifestar.

O conhecimento, pelo contrário, qualquer forma que assuma, é um certo relacionamento do homem com o mundo. Se o homem já não existe, o relacionamento desaparece. Quando o materialismo dialético pretende estabelecer uma dialética da Natureza, ela não se apresenta como uma tentativa de estabelecer uma síntese geral do conhecimento humano, e sim uma simples organização de "fatos". Sartre caracteriza esta tentativa dialética como *materialismo dialético*, isto é, uma tentativa em permitir que o mundo se desvele por si mesmo e para ninguém: o homem é colocado no centro da natureza com um dos seus objetos e se desenvolve como pura materialidade governada por leis universais da di-

ou um grupo, em condições particulares, num momento definido da História". (Tradução livre).

alética. Tal concepção é aceita e desenvolvida por Engels que por sua vez admite a história como simples desenvolvimento da natureza. O homem, vivo e concreto, com seus relacionamentos humanos, seus pensamentos e suas ações, que seriam para Sartre o palco do desenvolvimento da dialética, é removido do mundo. Sendo assim, o indivíduo passa a ser nada mais que um objeto entre outros objetos, considerado como centro de reações particulares.

Segundo Sartre, ainda dirigindo críticas ao materialismo dialético, o princípio absoluto de que "a natureza é dialética" é incapaz de qualquer verificação. Sartre admite a existência de uma dialética no pensamento científico em geral, mas a partir do momento em que a ciência declara que há um movimento dialético nos objetos das leis estabelecidas por ela e não dá referências ao próprio cientista, não se pode prová-la. Deste modo, o materialismo nada mais é que uma dissertação sobre a matéria.

Ao contrário do que possa parecer, devido a tudo que foi falado até agora, Sartre não nega a existência de relacionamentos dialéticos na natureza inanimada. Sua posição é de que pode-se crer ou não que as leis da física e da química manifestem uma dialética: uma dialética da natureza é possível, mas não necessária. Segundo Sartre, a dialética somente se manifesta através da práxis de homens situados em condições materiais concretas, o que equivale dizer somente através do interior da história humana.

A dialética é a lei da totalização. Organizações coletivas, sociedades, história são realidades impostas, ou que se impõem aos indivíduos. No entanto tais realidades são tecidas por milhões de atos individuais. A dialética, se é que existe, é a aventura singular das relações de cada um com os objetos de sua experiência: não existem esquemas preestabelecidos que possam ser impostos a práxis singulares. A dialética, caso exista, “can only be the totalisation of concrete totalisations effected by a multiplicity of totalising individualities”¹⁷.

À necessidade e inteligibilidade da Razão dialética soma-se a obrigação de descobri-la empiricamente em cada caso, e isto só se pode conseguir por meio da dialética. Sartre afirma que ninguém pode descobrir a dialética a partir do ponto de vista da razão analítica, isto é, exterior ao objeto considerado: a dialética é revelada somente a um observador situado dentro do sistema, a dialética é a lógica viva da ação. Em outras palavras, “to the extent that the individual becomes acquainted with himself in the transcendence of his needs, he becomes acquainted with the law which others impose on him in transcending their own, (...) and becomes acquainted with his own autonomy.”¹⁸

¹⁷ SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p. 37. “só pode ser a totalização de totalizações concretas efetuadas por uma multiplicidade de individualidades totalizantes”. (Tradução livre)

¹⁸ Idem., p. 38. “na medida em que o indivíduo se torna conhecedor de si mesmo no ultrapassamento de suas necessidades, ele se

Neste sentido, pode-se dizer que a experiência da dialética é ela própria a práxis dialética da qual é feita.

3. Considerações finais

Após o estudo desenvolvido até aqui pode-se dizer que, na *Crítica da Razão Dialética*, Sartre está preocupado em desenvolver uma sociologia dialética, fundada sobre uma síntese do existencialismo, do marxismo e do hegelianismo. Ao ligar a dialética à realidade humana, que compreende a realidade da existência individual e dos grupos sociais, Sartre acentua que as totalizações sociais, sendo dialéticas nos seus movimentos reais, impõem por este exato motivo a dialética como método às ciências que a estudam, ou seja, à sociologia, à antropologia e à história. Portanto, faz prevalecer a razão dialética sobre a realidade social compreendida num movimento dialético.

Ao negar a dialética da Natureza, Sartre quer apenas dizer que o mundo do Em-si desconhece conceitos fundamentais à compreensão da mesma, tais como temporalidade, projeto, negatividade, contradição. Para que haja um movimento dialético na realidade, as oposições devem ser orientadas num processo temporal em direção ao futuro, a uma totalização futura, que está sempre por ser constituída. Já que a dialética só existe no movimento de negação das realidades anteriores e que na materialidade não existe a possibilidade

torna conhecedor da lei que os outros impõem sobre ele ao transcenderem as suas próprias, e se torna conhecedor de sua própria autonomia”. (Tradução livre)

de negações, torna-se necessário, para que a dialética aconteça e tenha sentido, a presença de uma temporalidade – o Para-si – que determina a existência de tal movimento dialético na natureza.

Ora, se a dialética é uma constante totalização-em-curso e se na natureza só existem totalidades acabadas com a estrutura inerte do Em-si, cabe então à consciência perceber o movimento dialético do mundo, ignorado por ele, e retirá-lo de sua inércia, descobrindo, assim, a trajetória das coisas. O mundo material apenas mantém relações de exterioridade consigo mesmo, e é só na esfera da intervenção humana que a matéria adquire características dialéticas.

Pode parecer aqui que Sartre, combatendo o materialismo dialético de Engels, apenas reimprimiu um caráter marxista ao movimento das coisas. Com efeito, Sartre liga a dialética à condição humana enquanto práxis – ação, produção, trabalho – , que se manifesta tanto na vida dos homens quanto na vida dos grupos, das classes sociais e na realidade histórica, pois todo e qualquer movimento dialético traz a marca dos esforços humanos. Difere assim de Marx quando afirma que não basta estudar a história humana na busca

dos fundamentos dialéticos da realidade, já que a dialética não é algo que possa ser contemplado ou conhecido como se estivesse fora do homem. Não obstante, a dialética não é uma idéia apartada do mundo, como afirmava Hegel, pois envolve ação prática. Apesar de pertencer apenas ao mundo da consciência, a dialética só existe porque é conectada intrinsecamente com a materialidade, envolvendo práxis, ação, projeto. Mas, de que forma isto acontece?

A dialética revelada pela práxis humana significa que o indivíduo executa uma ação que modifica o estado atual de mundo, supera uma situação dada como objetiva, visando pura e simplesmente uma nova condição objetiva projetada no futuro. Desta forma, pode-se novamente dizer, em outras palavras, que não existe dialética se ela não envolver práxis, projeto, ação, temporalidade, individualidade, enfim, uma constante totalização-em-curso. A dialética do homem como simples indivíduo é o ponto de partida para a dialética histórica, pois cabe somente ao homem, inserido nela, transpassá-la, delimitá-la e determiná-la de acordo com suas próprias perspectivas.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria José Netto. *Indivíduo e sociedade: dois pilares do projeto sartreano*. Belo Horizonte : UFMG, 1998. (Tese de Mestrado)

BORNHEIN, Gerd A. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo : Perspectiva, 1984.

FILHO, Eduardo S. *Introdução ao pensamento dialético*. 2 ed. São Paulo : Alfa-omega, 1991.

GURVITCH, Georges. *Dialética e sociologia*. Trad. Manuel Vitorino Dias Duarte. 2 ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1982.

KONDER, Leandro. *O que é dialética?* 12 ed. São Paulo : Brasiliense, 1985.

LAING, R. D., COOPER, D. G. *Razão e violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1976.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1991.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre : L&PM, 1995.

RÖD, Wolfgang. *Filosofia dialética moderna*. Trad.: Maria Cecília Maringoni de Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília : Cadernos da UnB, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique of dialectical reason*, v. 1: theory of practical ensembles. Translation: Alan Scheridan-Smith. New York : Verso, 1991.

_____. *Crítica de la razón dialéctica*, tomo I: teoría de los conjuntos prácticos. 2 ed. Trad.: Manuel Lamana. Buenos : Lasada, 1970.

_____. *Marxismo e existencialismo*. Trad. Luiz Serrano Pinto. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1985.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Metafísica e História no romance de Sartre*. In: *Cult, Revista Brasileira de Literatura*, n. 34, maio de 2000, p. 58-63.